

Xenofobia recreativa na televisão brasileira do século XXI: estereótipos nordestinos em personagens cômicas de *Mar do Sertão* (2022)¹

Luísa Chaves de MELO²

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Parte-se da conceituação de Adilson Moreira sobre o *racismo recreativo*, uma política cultural que atua estrategicamente para afirmar a superioridade do branco sobre o negro. Busca-se, então, observar a pertinência de se ampliar esse conceito para se pensar estratégias para a subordinação de outras identidades no imaginário nacional brasileiro. Discutiremos o desenvolvimento de uma xenofobia recreativa, ao observar o modo como personagens cômicos da telenovela *Mar do Sertão* contribuem para a inferiorização do nordestino em relação às pessoas do Sudeste, polo hegemônico da produção televisiva nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Rede Globo; novela das seis; ficção televisiva seriada; regime de representação.

INTRODUÇÃO

Adilson Moreira (2020) afirma que, no Brasil, se desenvolveu um *racismo recreativo*: uma política cultural pela qual se disseminam piadas baseadas em estereótipos que afirmam uma suposta inferioridade biológica, estética, moral e cognitiva de pessoas negras. As piadas racistas são normalizadas socialmente, sendo uma forma aceita de interação social, por se afirmarem como “brincadeira”, ocultando (e negando) seu caráter racista. Esse tipo de humor – presente tanto nas produções midiáticas quanto nas interações cotidianas – se configura, portanto, como uma forma de dominação racial que impede a politização da raça e permite que as pessoas brancas brasileiras se sintam superiores às pessoas brancas de outros países por viverem em uma alegada democracia racial.

O racismo recreativo é, segundo Adilson Moreira, uma forma de representação cultural que legitima as formas de dominação ao afirmar a superioridade de algumas pessoas sobre outras. No entanto, como os grupos que exercem poder político e econômico são os mesmo que criam os sentidos sobre as identidades de outros grupamentos sociais, trata-se de um projeto de dominação.

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora agregada do Departamento de Comunicação da PUC-Rio, email: luisa.melo@puc-rio.br.

Se entendermos o racismo recreativo como uma das formas do que Stuart Hall (2016) chama de *regime de representação*³ e se considerarmos o lugar do humor na cultura e nas formas de socialização do brasileiro (GURJÃO, 1994), poderíamos afirmar a existência da mesma política cultural dirigida a outras minorias?

O objetivo geral desta pesquisa é discutir a pertinência de se ampliar o conceito cunhado por Adilson Moreira para se pensar a reprodução de estereótipos de outros grupamentos sociais subalternizados no imaginário nacional brasileiro. O objetivo específico é observar a ocorrência de uma *xenofobia recreativa* em *Mar do Sertão* (2022), na caracterização de três personagens cômicos da novela: Sabá Bodó, Floro Borromeu e Timbó.

MAR DO SERTÃO E O POVO GENUÍNO

A novela *Mar do Sertão* foi exibida pela Rede Globo, no horário das 18h, entre agosto de 2022 e março de 2023. Com 178 capítulos, manteve bons índices de audiência para o horário, tendo obtido uma média de 19,3 pontos e chegando a registrar 26 pontos no capítulo de 24 de novembro. De autoria de Mário Teixeira e direção artística de Allan Fitterman, inovou ao colocar uma dupla de repentistas⁴ para apresentarem, cantando, as cenas do próximo capítulo.

A história se passa em uma pequena cidade do sertão nordestino, apresentado visualmente na grande quantidade de externas, gravadas no Parque Nacional de Catimbau, em Pernambuco, e na cidade de Piranhas, em Alagoas. Na trama, o amor de Candoca e José Paulino (Sérgio Guizé) é ameaçado por Tertulinho (Renato Góes), que retorna à cidade depois de muitos anos, e busca separar o casal e para ficar com a moça. Tertulinho é filho do coronel Tertúlio (José de Abreu) para quem José Paulino trabalha. No dia do casamento de seu casamento, José Paulino sofre um acidente de carro, ao transportar um cavalo a mando do coronel. Tertulinho que o acompanhava se salva, mas José Paulino desaparece e é dado como morto. Dez anos depois, dele volta à cidade de Canta Pedra, como alto executivo de uma companhia transnacional de energia. Candoca está com Tertulinho, com quem casou por estar grávida de um filho de Zé Paulinho.

³ Pela conceituação de Hall, trata-se de um repertório cultural para a representação da “diferença” em determinado momento histórico. É considerado como “diferença” tudo o que se distingue do que é hegemônico, seja em termos de raça, etnia, modos de vida, gênero, classe, orientação sexual, religião etc.

⁴ Totonho e Palmito, interpretados pelos atores Juzé e Luquete, voltaram para fazer o mesmo na novela *Rancho Fundo*, que estreou em 15 de abril deste ano.

A novela mantém algo da gestualidade excessiva do melodrama pantomímico do século XVIII, que se expressa nos trejeitos (por vezes caricatos) de alguns personagens, cores fortes na cenografia e nos figurinos, e interpretações exageradas de atores e atrizes como forma de mostrar falsidade ou tentativa de manipulação por parte de um personagem. A distinção entre os quatro personagens básicos do melodrama não é tão evidente, pois a *vítima* é um pouco justiceira, na medida em que é a personagem mais íntegra da trama, a mais respeitada e é quem mais se impõe, eticamente, cobrando o comportamento correto de outros personagens. Por outro lado, o *justiceiro* se deixa levar por maus sentimentos e desejo de vingança. Pela força moral da protagonista, o bobo não ri da correção da protagonista, como ocorre na matriz melodramática, mas pode ter embates com ela, como é o caso de Sabá Bodó e Floro Borromeu, ou a admira, como é o caso de Timbó. Esses personagens, centrais nas cenas burlescas, responsáveis pelos momentos mais hilariantes da novela, são como afirma Martin-Barbero (2009, p. 170), o “vértice essencial da matriz popular” na trama.

No caso brasileiro, essa matriz popular tem outros contornos para além da matriz narrativa pantomímica e circense. No nosso imaginário nacional, o nordestino é o *folk* brasileiro, desde a publicação de *Os sertões*, onde Euclides da Cunha afirma que o sertanejo é “o cerne vigoroso da nossa nacionalidade” (2103 [1902], p. 131).

A narrativa do povo puro (*folk*) – aquele que traria o caráter nacional genuíno por não ter se modernizado – é, segundo Stuart Hall (2011), uma das narrativas⁵ que contribuem para a formação do imaginário nacional. Para ele, a nação é um discurso, na medida em que forja sentidos identitários, organiza modos de ser e de agir, influenciando o entendimento de si e do mundo. As narrativas da nação, no entanto, são muitas vezes paradoxais, pois buscam equilibrar sentimentos contraditórios: o desejo de avançar nos processos modernizantes e a nostalgia de um passado “puro”. Justamente por articular o passado com o presente, não ter se “contaminado” pela modernização, o povo genuíno costuma se localizar nas zonas rurais e, evidentemente, não é o grupamento hegemônico daquela sociedade.

OS PERSONAGENS

⁵ Os outros tipos de narrativas que contribuem para a formação do imaginário nacional e, portanto, da inserção das pessoas nessa comunidade imaginada são: a narrativa da nação, a ênfase na continuidade, a invenção da tradição e o mito fundacional.

Sabá Bodó é o prefeito corrupto da cidade que, mesmo estando preso por corrupção, consegue eleger sua filha para ocupar o seu cargo. Depois de sair da prisão, continua a maquirar esquemas para voltar a desviar dinheiro público. Tem trejeitos exagerados, é desajeitado e usa peruca. Pouco inteligente, fala um português inventado tentando ter uma prosa rebuscada, tal qual seu antecessor na teledramaturgia brasileira, Odorico Paraguaçu. Sua bela e ardilosa esposa oscila entre bronquear com ele por causa de suas ideias bizarras ou apresentar as soluções para os problemas, esperando que ele as repita como se tivesse pensado aquilo naquele exato momento.

Floro Borromeu é o delegado ignorante semi-alfabetizado. Tem dificuldade na leitura e na escrita, está sempre tentando “corrigir” a grafia de outras pessoas, cometendo erros crassos ao fazê-lo. É facilmente enganado pelos eventuais detidos, que ficam em uma cela sem chave. Seus gestos e fala lenta contrastam com a aceleração e empáfia do prefeito. Quando assume a prefeitura após o afastamento da prefeita, ganha uma pompa que lhe dá certa arrogância. Sua ignorância e boçalidade, contudo, fazem com que seja manipulado pelo agiota da cidade, Vespertino (Thardelli Lima), e pela vilã, Deodora (Débora Bloch), mãe de Tertulinho.

Timbó, um minifundista, é o único inteligente dos três, embora seja ignorante e parte de sua comicidade se deva ao modo próprio de usar o português. É honesto, tem um bom coração e princípios morais. No entanto, é extremamente preguiçoso. Sua inteligência se expressa, sobretudo, nas maquinações para escapar do trabalho. É bravateiro e seu bordão é: “Eu mato um”! Um pouco de covardia e muito de preguiça fazem com que, apesar das ameaças, quase sempre, corra das situações difíceis.

RACISMO RECREATIVO E XENOFOBIA RECREATIVA

Adilson Moreira recorre à conceituação feita por Luvell Anderson para descrever o modo como o humor racista atua. Nesse tipo de piada que dissemina estereótipos negativos, membros de uma minoria racial possuem defeitos morais e, por isso, se envolvem, constantemente, em situações ridículas.

Uma vez que, como já foi dito, tem o caráter estratégico de legitimar a hegemonia branca, o humor racista se relaciona sempre com o ambiente cultural, sendo, muitas vezes, hipercontextualizado. Se por um lado causa danos psicológicos e materiais⁶ para as minorias, por outro promovem a satisfação psicológica do grupo

⁶ As pessoas das minorias estigmatizadas e inferiorizadas socialmente são vistas como incompetentes e inadequadas para cargos de chefia ou são subvalorizadas e têm oportunidades apenas em trabalhos menos prestigiados.

hegemônico. A partir dessas definições de Anderson, Moreira conceitua o racismo recreativo como uma política cultural que atua como pedagogia para subordinação racial e antipatia social, na medida em que os estereótipos disseminados produzem cognições sociais ao mesmo tempo em que mantêm a representação positiva de pessoas brancas, afirmando sua superioridade moral. Evidentemente, o racismo recreativo não é um comportamento individual – até porque quem ri compartilha a violência simbólica – e não são apenas as pessoas brancas que recorrem a esse tipo de humor.

Quando analisa personagens de programas humorísticos dos anos 1980, 1990 e 2000, destaca, dentre outros elementos, o modo como os atores fazem expressões faciais para ficarem feios, são infantilizados e pouco inteligentes, são preguiçosos e buscam uma vida fácil, são malandros ou ladrões e têm um comportamento inadequado para atuar na esfera pública. Encontramos essas mesmas características no conjunto dos três personagens de *Mar do Sertão*. Sabá Bodó tem sempre um comportamento histriônico e inadequado é, frequentemente, infantilizado por sua mulher e suas “caretas” o deixam feioso. A infantilização de Floro Borromeu ocorre pelas suas expressões faciais, pelo seu modo de mole de falar e por sua ingenuidade. Timbó é o malandro preguiçoso.

No meu entendimento, os vícios morais e comportamentais desses personagens correspondem a estereótipos reproduzidos em muitos outros personagens nordestinos jocosos da ficção televisiva seriada, como Odorico Paraguaçu (*O bem amado*), Sinhozinho Malta (*Roque Santeiro*), Chicó (*O auto da compadecida*) e o prefeito Olegário Maciel (*Cine Holliúdy*). Da mesma maneira que ocorre com o racismo recreativo, atuam em pedagogia para a subordinação regional e antipatia social, produzindo cognições sociais.

As pessoas do Sudeste, polo hegemônico da produção audiovisual, mantêm, por contraste, uma representação positiva de si, legitimando: a) sua região como *locomotiva* do Brasil, pela atribuição da preguiça ao Outro regional, b) sua racionalidade e formas de racionalização do trabalho, pela afirmação da estupidez e da ignorância do sertanejo; c) sua posição hegemônica por um alegado preparo diferenciado e adequação do comportamento no espaço público, que se expressa no uso “correto” da língua portuguesa; e d) pela associação das autoridades locais nordestinas como corruptas,

malandras e, em alguns casos, vadias⁷. É claro que há representações de políticos do Sudeste corruptos, afinal, essa é uma questão nacional. No entanto, os políticos corruptos sudestinos costumam ser vilões, enquanto nas representações do Nordeste essa corrupção é naturalizada. É como se no primeiro caso a característica fosse do indivíduo e, no segundo, da coletividade.

No imaginário nacional, o Nordeste desponta como *terra de ninguém*, dominada por lideranças corruptas e despreparadas porque os eleitores são estúpidos, irracionais, ignorantes e/ou facilmente manipuláveis⁸. Ignoram-se os indicadores de escolaridade, do resultado do ENEM, o sucesso profissional e o talento de criadores nordestinos. A grande contribuição científica e a destacada contribuição intelectual para o pensamento brasileiro são invisibilizadas nos discursos do Sul e do Sudeste, sobretudo em momento de eleições majoritárias.

Mar do Sertão é uma novela graciosa e divertida, pela qual os espectadores podem se deliciar com as paisagens do sertão, a alegria dos repentes nas cenas do próximo capítulo, as atuações primorosas de atores nordestinos. A qualidade da novela é, a meu ver, inquestionável. No entanto, ao atribuir aos personagens cômicos a caricatura que condensa estereótipos do nordestino, realiza uma xenofobia recreativa sobre a qual pouco falamos, distraídos que estamos rindo da graça da piada.

REFERÊNCIAS

CUNHA, E. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.

GURJÃO, M. I. **A 'tragédia brasileira' narrada com muito bom humor: imagem, humor e política na imprensa carioca**. Orientador Antonio Edmilson Martins Rodrigues. 1994. 306 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de História Social da Cultura, PUC-Rio, 1994.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11a. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Apicuri, 2016.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MOREIRA, A. **Racismo recreativo**. São Paulo: Editora Jandaira, 2020.

⁷ Aqui, é interessante observar a primeira temporada de *Cine Holliúdy*, quando o prefeito desvia o dinheiro público, sua esposa, uma paulista com quem havia se casado há pouco, se torna seu bastião moral, mandando que ele devolva o dinheiro, quando fica sabendo de suas maracutaias.

⁸ Por exemplo, a respeito do resultado do primeiro turno das eleições presidenciais de 2014, na região nordeste, que deu boa vantagem para a reeleição da presidenta Dilma Rousseff, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ser normal o crescimento da candidata em “grotões”, onde os eleitores seriam menos informados. Disponível em: <https://www.uol.com.br/eleicoes/2014/noticias/2014/10/06/fhc-pt-cresceu-nos-grotoes-porque-tem-voto-dos-pobres-menos-informados.htm>. Acesso em: 24 jun. 2024.